



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v14.1077>

Nietzsche, leitor de Dostoiévski: da hipótese literária à hipótese médica

Nietzsche, reader of Dostoevsky: from the literary hypothesis to the medical hypothesis

Wesley de Jesus Barbosa¹

Resumo

A hipótese literária de Renato Nunes Bittencourt busca em Dostoiévski a comunhão tipológica de Jesus pela análise do príncipe Míchkin, protagonista do livro *O Idiota*. Esta hipótese fora significativa na recuperação de *O Anticristo* como texto filosófico. Na medida em que desmontou a carapaça preconceituosa criada para desmerecer o trabalho de Nietzsche, afirmando-se uma suposta inautenticidade do texto como mero panfleto blasfemo ou delírio de uma mente que já mostrava sinais de que sucumbiria. A hipótese médica de Allan Sena passa pelos textos de Morel e Féré defendendo a tese de que o idiota de Jesus não é uma referência ao príncipe Míchkin, mas uma construção produzida pelo contato de Nietzsche com a literatura médica muito em voga entre os intelectuais do século XIX. Aliás, o próprio Dostoiévski, segundo Sena, teria formulado o príncipe Míchkin sob tal influência. Que a idiotia, portanto, corresponderia a um transtorno psiquiátrico que retardaria o desenvolvimento da pessoa a uma época ainda bem infantil.

Palavras chave: Jesus; Míchkin; idiota; literatura e psiquiatria.

Abstract

The literary hypothesis of Renato Nunes Bittencourt seeks in Dostoevsky the typological communion of Jesus through the analysis of Prince Myshkin, protagonist of the book *O Idiota*. This hypothesis was significant in the recovery of *The Antichrist* as a philosophical text. To the extent that it dismantled the prejudiced shell created to disparage Nietzsche's work, asserting a supposed inauthenticity of the text as a mere blasphemous pamphlet or delirium of a mind that already showed signs of succumbing. Allan Sena's medical hypothesis goes through the texts of Morel and Féré defending the thesis that Jesus' idiot is not a reference to Prince Myshkin, but a construction produced by Nietzsche's contact with the medical literature that was very popular among intellectuals of the 19th century. XIX. Incidentally, Dostoevsky himself, according to Sena, would have formulated Prince Myshkin under such influence. That idiocy, therefore, would correspond to a psychiatric disorder that would delay the development of the person

¹ Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em Filosofia (PPGFIL-UFES) e doutorando em Psicologia (PPGP-UFF). E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com; orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8766-6670>

at a time that was still quite childish.

Keywords: Jesus; Myshkin; idiot; literature and psychiatry.

Introdução

O presente artigo trata de como o tipo Jesus elaborado por Nietzsche em seu *O Anticristo* apresenta-se como desprovido de vontade de poder. A hipótese literária e a hipótese médica enunciam-se como ferramentas para a análise do *tipo*, porém não inserem-se no debate como a provocar dicotomias, ao contrário, servem como indicativos a uma posição transvalorada. Ou seja, na medida em que a não reação de Jesus remete-se a uma transvaloração de todos os valores porque rompe com os preceitos morais e a cultura do ressentimento, o texto argumentativo, outrossim, comunica-se com o objetivo geral no sentido de romper as fissuras, inserindo no corpo semântico uma interpretação que não qualifique esta ou aquela tese como mais profícuas ao trabalho numa perspectiva de uma nulidade de contraponto. Mas que obedecendo aos limites de uma insustentável leveza da interpretação justifique-se pelos conceitos da hipótese médica sem perder a liberdade literária. No campo de forças destas duas hipóteses se perde o dualismo em prol de um acontecimento primordial: a interpretação.

A hipótese literária de Renato Nunes Bittencourt busca em Dostoiévski a comunhão tipológica de Jesus pela análise do príncipe Michkin, protagonista do livro *O Idiota*. Assim, criei as categorias o esquecido, o sujeito privado, o não-reactivo, o apolítico e o pueril para analisar mais detidamente a dinâmica psicológica de Michkin e Jesus, no meu trabalho de mestrado, no qual este artigo representa parte. Assim, tais características não são axiomas, mas tentativas de fixar temporariamente uma interpretação, já sabendo que o real é inapreensível numa formalidade conceitual determinística e transcendental. Porém este argumento tem seus limites hermenêuticos.

Todavia, a novidade deste artigo e pretensão a uma *filosofia do futuro*, não é polarizar o debate, mas inseri-lo num acontecimento hermenêutico. Dando à literatura a sua rigorosidade epistemológica entrelaçando-a a uma teoria médica, tão dura na sua verdade, que, talvez, precisasse da leveza da ambiguidade das palavras que criam mundos de metáforas. Porque a medicina tão verdadeira na sua utilidade deu palpites sobre o mundo e as pessoas que, muito diferente de explicar

Revista Opinião Filosófica – ISSN: 2178-1176 - Editora Fundação Fênix. www.fundarfenix.com.br

objetivamente a realidade, acabou por mascará-la em preconceitos e esteriótipos. E os poetas, despreocupados com o real, inventaram fábulas para falar do mundo. Ciência e arte não se anulam como sistemas ou hipóteses explicativas, elas interpretam o mundo, a seu modo, e tais modos não são melhores ou piores. A vida sem arte seria lastimável. A vida sem a medicina seria curta demais. A hipótese literária e a hipótese médica indicam uma posição transvalorada não apenas porque sustentam que a beatitude do tipo Jesus efetiva-se por sua vivência desprovida de vontade de poder, mas porque enquanto arranjos deste texto argumentativo enveredam-se pelos contornos ousados de uma insustentável leveza da interpretação.

A hipótese literária

Idiota tem esse significado de homem privado, alheio às convenções sociais. Preocupado sobejamente com suas questões interiores. O tato para manusear os delicados sentidos semânticos do viver em sociedade são inexistentes ou muito difíceis para a compreensão deste sujeito. Assim, a atribuição de idiota toma contornos pejorativos, de alguém que é “estúpido” e “burro”, que não recebeu da melhor maneira a educação para se portar em público.

Vivendo em uma atmosfera social marcada pelo oportunismo dos indivíduos e pelo ímpeto destes em fazer imperar os seus mais vis desejos egoístas, a conjunção de inocência e de sublimidade da personalidade de Míchkin faz com que este se torne uma pessoa existencialmente deslocada, fazendo-o sentir-se como que “sobrando” na vida em sociedade. (BITTENCOURT, 2011, p. 105.)

E se viver em qualquer sociedade exige que se aprenda os trejeitos e costumes, há tempos instalados na cultura, viver em meio a alta sociedade russa exige habilidades extraordinárias, que o príncipe Michkin não detinha. O problema é que o universo existencial do príncipe, bastante particular, não era compreendido por ser distinto demais. O comportamento de rebanho exige que todos os componentes do grupo habituem-se a realizar os atos que lhe são próprios, que vá ao ritmo dos que sucumbiram à disciplina, que não invente coisas novas, que repita o que os outros fazem.

Esse processo intuitivo de desvelamento de uma “verdade interior”, para muito além da esfera da lógica formal e da racionalidade, não pode ser adquirida pela cultura estabelecida, pelo estudo e pela erudição, mas pelo “coração”, pois é uma experiência da interioridade.(BITTENCOURT, 2010, p. 119.)

Se o sujeito destoa, estabelece o seu *pathos* da distância, então o grupo não fará bom julgamento, porque todo aquele que for forte para se distanciar do rebanho será tratado como inferior, ruim, mal, arrogante, soberbo, isto graças à inversão dos valores morais. Entretanto, esse ainda não é o caso do príncipe, ele não destoa porque é um guerreiro poderoso, ele simplesmente não entende o mundo bizarro das pessoas, pois o mundo é ele mesmo, sua genuína singularidade. Ri quando riem dele, “eu até o ouvi – secundou Aglaia. Todas voltaram a rir. O príncipe riu com elas.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 79), não reage, é circunspecto. Duas opções apresentam-se como desprendimento do rebanho. A primeira refere-se aos senhores de elevada estirpe senhorial a que se refere Nietzsche na *Genealogia da Moral*. O outro são os mais decaídos. Enquanto os senhores foram tolhidos pela inversão dos valores morais, os idiotas guardam uma certa deficiência como marca do pecado.

Os evangelhos são algo à parte. A Bíblia não tolera comparações. Estamos entre judeus: primeira consideração, para ali não perder completamente o fio da meada. A dissimulação de si mesmo como “sagrado”, ali tornada gênio e jamais alcançada em livros e entre homens, essa falsificação de palavras e gestos como arte, não é acidente de algum dom individual, alguma natureza de exceção. Isso requer raça. No cristianismo, como a arte de mentir santamente, o judaísmo inteiro, uma milenar técnica e preparação judaica da maior seriedade, atinge sua derradeira mestria. (NIETZSCHE, 2007, p. 51.)

Neste primeiro contato com a generala, teve o prazer de conhecer as graciosas filhas da família e enquanto aconteciam as apresentações, uma delas, Adalaida, como pintora que era, pediu ao príncipe que lhe sugerisse um tema para um quadro. O príncipe comentou que não sabia olhar. E dando início ao relato de sua vida no exterior demonstrou seu retraimento: “- Não sei; lá apenas recuperei a saúde; não sei se aprendi a olhar. Aliás, eu fui muito feliz quase o tempo todo.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 81.) Isto é, de seu mundo particular não conseguia ver a exterioridade, extensividade do mundo, assim como no tipo Jesus.

(...)o Nazareno se expressava através de verdades interiores, não de conceitos lógicos demonstrativos ao modo de um dialético que pretende persuadir os seus interlocutores através da racionalidade discursiva e da persuasão. (BITTENCOURT, 2010, p. 119.)

Na letra nietzschiana, o tipo Jesus é incapaz de negar o mundo, de opor-se a ele. Isto porque o mundo exterior lhe é completamente estranho, sendo sua realidade, puramente interior, reduzindo-se a si mesmo, plenificada em si mesmo. Isto, contudo, não se constitui uma função ordenadora do ego num *pathos* egoísta, como o da besta louca. Ao contrário, é um ensimesmar-se como totalização de si, indiferente ao mundo exterior, sequer reagente a ele, de algum modo, uma função da vontade de poder que decai.

Justamente o negar é algo impossível para ele. — Falta igualmente a dialética, falta a concepção de que uma fé, uma “verdade” poderia ser provada com razões (— suas provas são “luzes” interiores, interiores sentimentos de prazer e auto-afirmações, todas elas “provas da força”). (NIETZSCHE, 2007, p.39.)

A felicidade é algo típico na fala do protagonista de *O Idiota*, repetidas vezes retoma o assunto, contrariando os olhares externos que não entendem como ele, um idiota, um epilético, é feliz. Toda a estranheza de seu comportamento privado o deslocava socialmente e, óbvio, sofrerá retaliação por causa disto. Aglaia terá um cuidado maior com ele, já que estava apaixonada e, aliás, se apaixonou pelas peculiaridades do príncipe.

Eu lhe devo dizer ainda que nunca encontrei uma pessoa na vida semelhante a ele pela simplicidade nobre e pela credulidade infinita. Depois das palavras dele eu adivinhei que quem quiser poderá enganá-lo, e quem quer que o engane ele depois perdoará, a todo e qualquer um, e foi por isso que o amei... (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 632.)

Ela o encorajará a não se diminuir, a não se desculpar tanto, a se impor. A fazer de sua vida algo extraordinário como uma pulsão afirmativa, grandiosa, ofensiva. Mas o príncipe não tem intenções tão megalomaniacas, expansivas. O mundo não é para ser confrontado e enfrentado como um soldado que vai a guerra, melhor não reagir as intempéries e aos desgostos.

- Já que diz que foi feliz, logo, não viveu menos e sim mais; por que então se curva e se desculpa? – perguntou Aglaia de modo severo e importuno – E por favor não se preocupe se está nos ensinando, nisso não há nenhum triunfo de sua parte. Com seu quietismo pode-se passar cem anos enchendo a vida de felicidade. Tanto faz mostrar ao senhor a execução de uma pena de morte quanto de um dedinho, porque o senhor irá tirar tanto de um quanto do outro um pensamento igualmente lisonjeiro e ainda ficará satisfeito. Desse jeito dá pra viver. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 85.)

Não ser atravessado pelo crivo do social condena o sujeito a lançar para fora qualquer palavra, a que considera melhor para exprimir aquilo que está sentindo. Míchkin colocava as ideias da forma mais instintual obedecendo ao ritmo fisiológico do movimento da boca que balbucia a palavra, pois não analisava pormenorizadamente se para aquele contexto servia esta ou aquela forma de se colocar. A sinceridade lhe era capilar, assim como nas crianças. “Agora eu vejo que não se pode considerá-lo não só um malfeitor como também um homem demasiadamente estragado. Para mim o senhor é apenas uma pessoa das mais comuns que pode existir, apenas muito fraca e nem um pouco original.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 155.) Gânia, evidentemente, removeu o assunto, não respondeu imediatamente ao ataque, mas depois disparará seu ódio ressentido.

Tal comportamento de Míchkin se assemelhava a sinceridade das crianças. Que Jesus acolhia como dignas do Reino dos Céus. Os infantes ainda não tem o tato para o social, sendo-lhe a vida um existir próprio, singular, às vezes, inconveniente ao mundo dos adultos. Mas Míchkin e Jesus sofreriam de uma desconexão entre a idade e o modo como reagem ao mundo. Mais a frente, abordaremos a hipótese médica que indicará tal traço como distúrbio, na concepção de Morel na sua teoria da degenerescência. A Bittencourt parece que Nietzsche teria lido *O Idiota*, daí sua criação do tipo Jesus. Para Sena, tanto Dostoiévski quanto Nietzsche leram Morel e Féré.

A “boa nova” é justamente que não mais existem oposições; o reino do céu pertence às crianças; a fé que aí se exprime não é uma fé conquistada — ela está aí, existe desde o começo, é como que um infantilismo recuado para o plano espiritual. O caso da puberdade retardada e não desenvolvida no organismo, como consequência da degenerescência, é familiar aos fisiologistas, pelo menos. — Uma tal fé não se encoleriza, não repreende, não se defende: não traz “a espada” [Mateus, 10, 40]. (NIETZSCHE, 2007, p. 37.)

Esse homem singular, avesso ao mundo, perdeu ou não adquiriu a capacidade de ressentir a angústia. Num certo momento, punha-se a desconfiar se

não estavam armando alguma para ele, muito provável que sim, porém não considerava honesto esse olhar venenoso sobre os outros. O julgamento perpétuo de *todos contra todos*, as intrigas, picuinhas, reais ou fantasiosas, que, nós, os filhos do ressentimento ficamos matutando em nossa caixa neuronal treinada nas sinapses de memória, é ausente ou coadjuvante no herói de Dostoiévski, de modo que ao constatar que assim se movimentava seus pensamentos, sentiu-se o pior dos homens.

Estava com essa impressão: não teria alguém armado essa questão agora, precisamente nesse momento e nessa hora, de antemão, justamente para essas testemunhas e, talvez, visando à sua esperada desonra e não ao triunfo? Mas ele estava demasiadamente triste por sua “cisma monstruosa e maldosa”. Ele, morreria, parece, se alguém soubesse que estava com esse pensamento na cabeça, e nesse instante, logo que entraram os novos visitantes, estava sinceramente disposto a se considerar o último dos últimos no sentido moral entre todos os que estavam ao seu redor. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 296.)

Mesmo não sendo tão atingido pelas hostilidades desta sociedade, pois possuía amortecedores eficazes. Aliás, os amortecedores mesmos as causas das arengas. Gostava de estar sozinho, recolhido, longe. A melhor forma de gozar o prazer desta vida privada. Pensou em retornar a Suíça, para perto das crianças. Retirar-se de cena e viver sua resignação.

O príncipe estava muito contente por finalmente o terem deixado só²; ele desceu da varanda, atravessou o caminho e entrou no parque; queria ponderar e decidir um passo a ser dado. Mas esse “passo” não era daqueles que se ponderam e sim daqueles que justamente não se ponderam e simplesmente se decide por ele: súbito sentiu uma terrível vontade de largar tudo ali e voltar para o lugar de onde viera, para algum lugar mais distante, para os confins, partir agora mesmo sem se despedir de ninguém. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 348.)

Bittencourt sustenta que a vivência crística é interior, idiota, no sentido de que ser essa interioridade é ser estranho à sociedade. O idiota não acessa o mundo

² Este trecho, no livro da Editora 34, tem uma nota de rodapé o qual os editores da edição russa (Opulskaja, G. F. Kogan, A. L. Grigóriev e G.M. Fridlênder) explicam que essa passagem não apenas se parece com o evangelho de Mateus quando Jesus se retira para o jardim Getsêmani, mas indica a contraposição de Cristo com relação a este mundo. “Retirou-se Jesus com eles para um lugar chamado Getsêmani e disse-lhes: assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar...” (Mt 26,36) Na mesma nota, o autores lembram o evangelho de João que corrobora ainda mais o argumento: “Ele lhes disse: vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima. Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo.” (Jo 8,23).

de forma imediata ou mediata, o que é extenso lhe é alheio, indistinto, inapreensível. Portanto, essa experiência privada é o contato pleno com Deus, pois o Reino dos céus está em nós. A beatitude constitui-se a descoberta deste reino de Deus e, assim, o desprendimento total de noções como o além-mundo, concepções lembradas e recuperadas pelo cristianismo para manter o animal manso.

A beatitude, portanto, exclui de sua experiência afetiva e cognitiva toda consideração pela morte, e até mesmo pela vida enquanto mera extensividade, pois a alegria evangélica transfigura a própria individualidade, imergindo-a no divino. (BITTENCOURT, 2011, p.114.)

Ora, o único cristão da história do cristianismo, não poderia ser outro, senão o anticristo aos olhos do sacerdócio. Ou o cristianismo institucionalizado, o anticristo aos olhos do Cristo. Pois sua boa nova opunha-se ao modo de vida daqueles sacerdotes sedentos por vingança. Há um antagonismo entre os ensinamentos de Jesus e o cristianismo, um abismo quase intransponível. Um evangelho de puro amor, uma felicidade suprema de perdão enquanto uma exuberância interna de afetos alegres, nada mais inumano e desvantajoso aos poderosos.

Ao fazer do perdão incondicional um mecanismo de obtenção da beatitude, Jesus revela essa disposição “nobre” em seu modo de ser, pois a sua felicidade sagrada não depende da realidade externa para se concretizar, tampouco o seu plano existencial depende das figurações extrínsecas; pelo contrário, a axiologia crística é do âmbito da interioridade, não como antítese do externo, mas como não-reconhecimento de tudo o que é regido pela lógica padronizada dos costumes formais, pela moralidade estabelecida. (BITTENCOURT, 2011, p.113.)

Na letra nietzschiana, o cristianismo paulino é exatamente o oposto do tipo Jesus, quiça do Jesus da tradição, ou mesmo os defendidos por Ernest Renan ou Strauss. Ou seja, a vitória do cristianismo institucionalizado sobre o Jesus da não reação condenou o ocidente a uma educação amesquinhadora do homem. A verdade colocada de ponta a cabeça pelo sacerdote, o mundo esvaziou-se de significado na promessa de um outro mundo como esperança aos que agora caíram desesperados diante do mundo sem qualquer sentido. O tipo Jesus, como uma figura literária, não pretende indicar quem tivesse sido esse tal de Jesus, mas jogar com os elementos da tradição religiosa e, também com os da filosofia do filósofo alemão, no sentido

de desmascarar esta vontade de verdade da metafísica e da teologia, lançando tudo na panela da interpretação. Jesus desprovido de vontade de poder é tão possível quanto o Jesus que ressuscitou no terceiro dia.

O espírito puro é a pura mentira... Enquanto o sacerdote, esse negador, caluniador, envenenador profissional da vida, for tido como uma espécie mais elevada de homem, não haverá resposta para a pergunta: que é verdade? Já se colocou a verdade de cabeça para baixo, quando o consciente advogado do nada e da negação é tido como representante da “verdade”... (NIETZSCHE, 2007, p. 13.)

O idiota, Míchkin e o tipo Jesus, como existências privadas, desenvolveram outro comportamento, o de caráter apolítico. A história, a política, os negócios lhes eram estranhos, longínquos, pois há uma certa dificuldade, inabilidade com estas questões. É digno de nota que a separação à qual me dediquei na minha dissertação de mestrado, dedicada a *O Idiota de Jesus*, em *O Esquecido*, *O homem privado*, *O não reativo*, *O Apolítico*, *O pueril* e *O doente*, são meramente esquemáticos. Em momento algum quis criar categorias nas quais pudesse definir os pressupostos e enquadrar as personagens nelas, de forma rígida. O idiota insere-se em todas essas possibilidades e ainda outras. E ao ser uma não exclui a outra. Isto é, porque estamos no tópico a que nos referimos ao homem de caráter privado, isto não significa que o príncipe não seja também apolítico e pueril, por exemplo. E que não pudesse falar deles, os eventos dão-se intrincadamente, um está no outro, reforçam o outro. Na dissertação, dedicamo-nos mais a fundo a forma apolítica da idiotia, por agora, gostaríamos de demonstrar como essa vida interior, totalizada nela mesma, condicionou o organismo ao apolítico, pois o mundo dos acordos e negócios humanos não constituíam seu foco, seu motivo existencial.

O tipo “idiota” se caracteriza por não se importar com as tramas históricas e políticas vigentes na sua sociedade, pois que o foco de sua atenção psíquica está direcionado para aspectos intensivos de sua própria intimidade afetiva, adotando uma postura existencial reservada, circunstância que desagrada aos costumes morais sustentados por ideários normativos, que em nenhum momento sabe viver a alegria e o amor. (BITTENCOURT, 2011, p.109.)

Vida é jogo, vir-a-ser, devir. Não se tem uma vida como uma felicidade regozijante, ela toda de uma vez, como uma projeção do agora no porvir, como quem

compra uma ilha paradisíaca no Caribe, na Polinésia Francesa ou no Mar Egeu e agora usufrui das benesses de toda uma história de planejamento, enfim, a aposentadoria! A vida impõe-se titanicamente como guerra, luta, esforço. Todos os dias as batalhas se enumeram, umas deixam de existir, outras surgem, neste movimento de uma luta que cessa em prol de outra que se anuncia, que se tem o próprio do conduzir da vida.

Esta “astúcia” das raças nobres, a maneira louca, absurda, repentina como se manifesta, o elemento incalculável, improvável, de suas empresas – Péricles destaca elogiosamente a despreocupação dos atenienses -, sua indiferença e seu desprezo por segurança, corpo, vida, bem-estar, sua terrível jovialidade e intensidade do prazer no destruir, nas volúpias da vitória e da crueldade – para aqueles que sofriam com isso, tudo se juntava na imagem do “bárbaro”, do “inimigo mau”, como o “godo”, o “vândalo”.(NIETZSCHE, 2008, P. 33.)³

Assim, memória e esquecimento são forças necessárias à vida. “Tanto a memória quanto o esquecimento constituem-se como forças operantes da vontade de poder que constitui o todo humano.” (CAMPOS, 2014, p.49.) A moralização dos costumes fomentou o viver em sociedade, já não mais há possibilidade de uma existência de outra ordem. Se tem que cumprir os contratos, pagar as contas: memória é vital nestas condições. Entretanto, o esquecimento se apresenta como força ativa do organismo, precisamente, para garantir a continuação da vida. Um corpo como só memória constituir-se-ia o mais triste de todos os bichos, imagine lembrar-se de tudo, de cada centímetro, de cada milímetro, de cada segundo de cada minuto de todos os dias, de toda uma história pessoal, de todas as desavenças, irritações, impropérios, palavras ditas de forma injusta, dívidas, livros, pessoas, tudo, tudo, tudo, sem escapar nada... Por outro lado, estar cravado na estaca de todo instante não gera futuro porque não constrói história. Nesse sentido, a balança que pesa pela memória é a do homem dócil e ressentido, moralizado pela Igreja, inserido numa realidade social dada. Pesar o lado do esquecimento é inverter a noção de esquecimento como culpa e erro, e assumi-lo como postulado de uma vida que quer revigorar-se ampliando sua força.

Uma pessoa não pode lutar todas as guerras de uma vida inteira, ou ela se desvincula de algumas para estar disponível a outras, ou ela se agarra a conflitos pretéritos e neles se mortifica angustiando-se de dor e vontade de vingança. “Assim,

³ GM I, 11.

o papel do esquecimento nesse caso seria o de eliminar os antagonismos, e o combate de todas as forças presentes no jogo incessante do vir-a-ser.”(CAMPOS, 2014, p.21.)

Em outro momento do texto dostoiévskiano, Míchkin tenta visitar Aglaia, ia todos os dias a casa dela, mas não conseguia vê-la, pois estava proibido pela família de promover tal encontro. Todas as vezes que ia era punido e no outro dia, sem que se lembrasse da proibição do dia anterior, ia novamente. Não insistia no sentido de forçar a barra, tentar um tensionamento para que uma das partes, com o tempo, cedesse. De fato, como comportamento atípico de um idiota, ia porque esquecia, como se nunca existisse um dia anterior para outorgar suas premissas ao dia posterior.

Mas sabemos igualmente que nesses mesmos dias várias vezes, e até muitas, ele ia de repente à casa do Iepántchin sem escondê-lo de Nastácia Filíppovna, o que por pouco não a levava ao desespero. Sabemos que os Iepántchin, enquanto permaneciam em Pávlovsk, não o recebiam, negavam-lhe constantemente encontro com Aglaia Ivánovna; que saía sem dizer palavra, e que no dia seguinte tornava a voltar a casa deles, como se tivesse esquecido inteiramente a negativa da véspera e, é claro, recebia nova negativa. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 641.)

Portanto, esquecer é uma força ativa, direciona-se para fora, avança do corpo para o exterior, para que o vento leve as lembranças para os cantos gelados e inóspitos do mundo e lá se dissolvam em névoa,

não se trata por ora, do esquecimento que consiste em não lembrar simplesmente, mas sim do esquecimento ativo, como uma força ativa, capaz de remover registros enfraquecedores e desnecessários, fornecendo espaço psíquico para novas experiências. (CAMPOS, 2014, p.12.)

O animal homem teve seus instintos tolhidos pela moralidade dos costumes. Sua disposição instintual foi amansada para que a besta loura pudesse conviver em sociedade. As diversas formas de vida reduziram-se a algumas poucas, pois impedido de esquecer acaba-se por retornar ao passado, mas o passado não existe, ele tem que ser superado para que haja mais vida.

O príncipe Míchkin e o tipo Jesus, mesmo não plenamente cômicos, estabelecem distinção. Criam seus próprios valores, são uma espontaneidade que não se nivela: não se arrebanham, logo não se permitem adestrar. Ou seja, para os

que vivem o rebanho e aceitam o chicote da moral escrava, todos que recusarem a tais práticas serão rebeldes.

Somente nós, espíritos tornados livres, temos o pressuposto para entender algo que dezenove séculos entenderam errado — aquela retidão que, tornada instinto e paixão, faz guerra à “mentira santa”, mais ainda que a qualquer outra mentira... Estava-se infinitamente longe de nossa amável e cautelosa neutralidade, dessa disciplina do espírito com a qual é unicamente possível perceber coisas tão desconhecidas e delicadas: sempre se quis, com desavergonhado egoísmo, apenas sua própria vantagem, construiu-se a Igreja com base no oposto do evangelho.(NIETZSCHE, 2007, p. 42.)

De novo, o príncipe e o Redentor não reagem, nem como cavaleiros de elevada estirpe senhorial, nem como ressentidos, eles, simplesmente, não reagem. O agressor para regozijar-se de seu esplendor sádico necessita que o açoitado reaja de algum jeito, indo para o embate aos berros e forçando seus grilhões em fúria pela urgente reparação homem a homem, ou planejando uma vingança silenciosa, terrena ou divina (o julgamento final que humilhará todos os devassos e covardes); o príncipe e Jesus não respondem da forma como se espera. Eles não reagem!

A interpretação médica

A primeira parte traçou um percurso no sentido de analisar as considerações teóricas da hipótese literária requerendo buscar os limites de sua interpretação. Verificado os pontos de contato entre as obras de Nietzsche e Dostoiévski, haja vista *O Anticristo* e *O Idiota* para anunciar o oposto do homem ressentido como aquele que esquece e consegue criar novas formas de vida; e sustidos pelo método intuitivo de Bittencourt, verificamos que a análise literária nos ajuda na demonstração de nossa hipótese até um determinado ponto. Ou seja, se o tipo Jesus criado por Nietzsche é desprovido de vontade de poder, sob a influência de Dostoiévski, no entanto outros indicativos no próprio texto nietzschiano sugerem outras interpretações, como o rigor do fisiólogo. Por isso, consideramos oportuno avançar a discussão apresentando outros aportes. Nossa questão proposta para esta comunicação fora colocada pelo professor Stegmaier de que, se o projeto de Nietzsche continuaria se sustentando na superação do homem enquanto vontade de poder no Zaratustra ou se, não, a revelação do tipo Jesus indicaria um reposicionamento com relação ao além-do-homem afirmando a suspensão

completa da vontade de poder.

Com a sua “teoria do tipo Jesus”, ele esboça uma vida sem vontade de poder; na medida em que tal vida foi possível, isso parece ter despertado em Nietzsche a suspeita de que a sua doutrina da vontade de poder pudesse ser propriamente apenas algo de “desejável”, cuja origem remontaria a própria vontade de poder. (STEGMAIER, 2013, p. 68.)

A prática evangélica de Jesus de plenitude no amor, que não se impõe como dogma ou verdade, que se justifica na compreensibilidade de todas as atitudes, não lhes atribuindo certo ou errado é, inicialmente, sem vontade de poder. A princípio, a prática evangélica aparece como uma doutrina radical de não reação, que não sucumbiria à violência do mundo, pois que o cristão voltado para dentro de si, encontraria a Deus, que é amor e, responderia ao mundo com o perdão, perdão, inclusive, ao patife que pode atentar contra a sua vida, como Rogójin, rival do príncipe, que tentou matá-lo eliminando o concorrente ao coração de Nastácia Filippovna.

Os dois olhos de antes, os mesmos, súbito se cruzaram com o olhar dele. O homem que se escondia no nicho também já conseguira recuar um passo dali. Em um segundo os dois estavam cara a cara, quase encostados. Súbito o príncipe o agarrou pelos ombros e o virou para trás, no sentido da escada, mais próximo da claridade: queria ver seu rosto com mais nitidez. Os olhos de Rogójin brilharam e um riso furioso lhe deformou o rosto. Sua mão direita ergueu-se e alguma coisa brilhou dentro dela; o príncipe não pensou em detê-la. Lembrava-se apenas de que parecia haver gritado: - Parfem, não acredito!... (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 371.)

A seguir, o príncipe sofreu um ataque de epilepsia que lhe salvou a vida. Depois, recuperado do acontecido, Michkin perdoou Rogójin, mesmo este tendo fugido com Nastácia Filippovna e lhe ter tentado ceifar a vida. Por isso, a suposição de que num primeiro olhar a doutrina de Jesus, similar à do príncipe, vivificar-se-ia sem vontade de poder.

O tipo Jesus, uma metáfora, uma crítica, uma contraposição nietzschiana como hermenêutica, levanta a hipótese de uma vontade de poder nula como pressuposto de sua beatitude e redenção. Porque não reage as ofensas, nem a dos inimigos mais levianos, se é que eles existam, porque o evangelho do idiota é resultado de uma não reatividade incapaz de fazer inimigos, que oferece a humanidade o milagre, não como transcendência, mas prática de amor no mundo.

A consequência de tal estado projeta-se numa nova prática, aquela propriamente evangélica. Não é uma “fé” que distingue o cristão: o cristão age, ele diferencia-se por agir diferentemente; por não oferecer resistência, em palavras ou no coração, àquele que é mau para com ele; por não fazer diferença entre forasteiros e nativos, entre judeus e não-judeus (“o próximo”, na verdade o correligionário, o judeu); por não encolerizar-se com ninguém, não menosprezar ninguém; por não se deixar ver nem invocar nos tribunais (“não jurar” [Mateus, 5, 34]); por não separar-se de sua mulher em nenhuma circunstância, mesmo havendo provas da infidelidade da mulher. — Tudo um princípio, no fundo; tudo consequência de um instinto. (NIETZSCHE, 2007, p. 39.)

A aproximação da interpretação de Nietzsche a partir de Dostoiévski serviu para distanciar *O Anticristo* de uma simples blasfêmia ou indício de sua doença (o surto de Nietzsche). Para retomar a obra como um escrito filosófico, no qual o autor teria usado de sofisticados recursos metafóricos. Porém, a hipótese perseguida por Sena é que, provavelmente, Nietzsche refere-se a Jesus como um idiota na acepção fisiológica do termo, muito em voga nos manuais psiquiátricos de seu tempo.

Ora, consideramos extremamente relevante o fato de Nietzsche ter o cuidado de esclarecer, antes de oferecer o seu diagnóstico, que ele iria falar naquele momento com o *‘rigor do fisiólogo’*, um alerta que, aparentemente, poucos intérpretes deram a devida importância. (SENA, 2012, p. 283.)

Assim, Nietzsche não atribuiu valores morais judaico-cristãos ao idiota de Jesus, ou seja, o tom desqualificador do termo com seu conteúdo perverso, que permanece no imaginário popular como uma espécie de xingamento, em grande medida por causa dos próprios médicos, não é um valor no qual o alemão gostaria de recuperar. Mas sim, enfatizar o seu tipo Jesus enquanto portador de um transtorno psiquiátrico. E que, se sabendo dessa característica do redentor, se conseguiria desmontar a corrupção psicológica dos evangelhos promovida por séculos pelo sacerdote e compreender melhor a mensagem beatífica do anunciador da boa-nova. A hipótese médica aliada a hipótese literária configurariam em poderosa ferramenta analítica, no sentido de que a categorização nosológica do idiota não explicaria *in toto* a complexidade psicológica do redentor, porém criaria/cria um solo humificado para o exercício do método intuitivo capaz de desvendar os traços que permaneceram, apesar das adulterações do texto bíblico.

Não obstante, Jesus desempenha um papel essencial para que a meta nietzschiana seja perseguida, a saber: ele representa a manifestação de

uma *décadence* que não impede a superação da vida, que não impede o surgimento de um tipo de homem mais elevado, como o faz o cristianismo eclesiástico. A prática de Jesus serve, portanto, como uma contraposição à doutrina cristã, pois oferece um fim digno para a *décadence*, isto é, a aceitação bem-aventurada de sua dissolução. A doutrina cristã, brotada do ressentimento e do ódio contra a vida, pelo contrário, busca a conservação a todo custo, esse custo é precisamente a possibilidade de que a vida se supere. Jesus é importante para o projeto de uma transvaloração dos valores porque sua prática mostra a possibilidade de que a *décadence* se aceite como tal, não negando sua natureza e não negando, assim, a própria vida, não se ressentido dela e de suas condições, ao aceitar o seu fim. (SENA, 2012, p. 433.)

O conceito de degenerescência está inserido num amplo debate médico, mas é Morel que lançou mão da noção de uma degenerescência hereditária no *Traité des dégénérescences*, publicado em 1857, sustentando que o idiota seria o último representante desta forma de vida que decai. Segundo ele, os degenerados tenderiam a descer a níveis cada vez mais baixos nos quais se extinguiriam por si mesmos, pois o idiota já não mais conseguiria se reproduzir, pois se tornou estéril. Pinel e Esquirol não foram taxativos em apontar o caráter hereditário como primordial, na reprodução da idiotia, acreditavam que outros elementos contribuiriam para a manifestação.

Embora Pinel e Esquirol também tenham identificado um fator biológico hereditário como uma das principais causas da alienação mental (e da idiotia), tal fator não era considerado por eles como um determinante absoluto, sendo responsável apenas pela transmissão de uma certa pré-disposição que poderia ou não se tornar manifesta devido a ação de diversos outros fatores acidentais, biográficos, morais e psicológicos. (SENA, 2012, p. 313.)

A consolidação do saber médico psiquiátrico não se efetivou no século XIX como um poder, por acaso. Há uma história, um caminho que a medicina percorreu no sentido de se diferenciar dos outros saberes: como o dos curandeiros, dos magos, dos padres. Nada no saber médico o tornava melhor ou mais eficaz que uma prática de cuidado ligada ao senso comum. É com o advento do discurso científico e o domínio intelectual da anatomia e da fisiologia do corpo, que o médico ocupou o espaço antes disputado por diversos saberes. A capacidade de estabelecer um diagnóstico e construir uma estratégia curativa eficaz ao doente promovendo a saúde, serviram aos anseios do poder médico psiquiátrico. A descoberta do idiota como um sujeito degenerado, alheio ao mundo dos grandes porque sofreu uma paralisia no desenvolvimento corroborou para a generalização do poder

psiquiátrico.

Ora, em *O poder psiquiátrico* e, logo depois, em *Os anormais*, Foucault defende que a descoberta da figura do idiota pela psiquiatria do século XIX foi decisiva para aquilo que ele denomina de *generalização do poder psiquiátrico*.(SENA, 2012, p. 287.)

Ou seja, os manuais com suas descrições das características observáveis dos pacientes em crise mental muniram o médico com um poder de verificação e intervenção clínicas, capazes, inclusive, de proteger a sociedade de possíveis ataques daqueles tidos como loucos. O manicômio é a expressão melhor acabada da instalação do poder médico psiquiátrico como mecanismo de controle social e político da vida. Agora, o médico, respaldado pela estatística, conseguia estabelecer uma média, na qual definiria como normal, uma curva gráfica Normal (N), e uma curva descendente *p*, definida como exceção, erro, o que escapa, foge, desvirtua, destoa: os anormais. A sociedade europeia a pleno vapor no que concerne a sua Revolução Industrial demandava por um profissional que detivesse esse tipo de conhecimento capaz de padronizar a massa, identificar os destoantes e enquadrá-los ou retirá-los do convívio social, primeiro porque são improdutivos e segundo porque confrontavam a razão com um conteúdo diverso demais a uma sociedade aprisionada numa instrumentalização objetivo matemática do real, altamente planejada.

Nesse sentido, a determinação objetiva de uma suposta normalidade aniquila toda anormalidade enfatizando ainda mais o projeto moderno de arrebanhamento do homem. Excluindo todo *pathos* da distância, seja ele por uma afirmação de si enquanto uma força viril que almeja expandir e dominar, seja porque se é portador de uma doença, transtorno ou condição existencial, porque se é um degenerado. A vida mesmo degenerada, mesmo ressentida, mesmo adoecida e solapada por toda a dor, busca ampliar seu poder para estabelecer domínio e controle, pela força e superação, alcançados pelo esforço de guerra. Entretanto, se a vida, de uma ameoba ou a de um homem: a forma mais decadente de existência, se efetua como vontade de poder, como o idiota de Jesus assentar-se-ia no mundo como ausência de vontade de poder? Não há renormatização ao patológico da idiotia? E, se não há de fato, essa condição, portanto, seria grave e crônica, mórbida? De que forma uma vida que não renormatiza, desprovida de vontade de poder, contribui para o projeto da transvalorização de todos os valores?

O romance, que não tem uma preocupação em descrever sintomas de uma determinada doença, mistura os efeitos da palavra e brinca com os sentidos semânticos. Então, às vezes, se refere ao príncipe como um idiota e atribui-se o sentido de louco, desajustado, pois o seu comportamento foge ao esperado normalmente.

– Bem, sendo assim – exclamou Rogójin -, tu, príncipe, tu és um *iuródiv* [Misto de bobo, mendigo, alienado e vidente – comentário nosso], e Deus ama pessoas assim como tu.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 33.)

Se em um determinado momento o diminuía, agravando sua doença, como uma alienação mental, em outro, indubitavelmente, quando requeriam sua atenção e respeito e o tratavam, não como uma criança, mas como alguém com autonomia para discernir o certo e o errado, ainda assim o amarravam no calabouço dos anormais. “ – Bem, pode ser que realmente não estejas entendendo, eh-eh! Dizem mesmo que tu és... *tantã*. (...)” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 252.) A alusão a Jesus como louco, desde Paulo, afirma o sentido mais profundo da Cruz, do cristianismo (1 cor 18-25).

A loucura da Cruz, imagem do falsário da cristandade, Paulo, que distorceu a mensagem crística numa vontade de além-mundo, é insanidade por sua inocência e jovialidade, não por seu artificialismo e esperança. A loucura do único cristão foi aceitar sua condição degenerescente, de uma vontade de poder que declina e se extingue, depois do Cristo pregado na Cruz, a instituição, paulina até o osso, só fez treinar o seu rebanho, domesticando-o numa fidelização mortificante, pelo culto do outro mundo. Adoecendo e apodrecendo pessoas que poderiam cultivar saúde e força, mas que por medo do desamparo optaram por entregarem a sua alma a este sacerdote, ao mesmo tempo velhaco e crédulo, sedutor e vilão, médico e vírus.

Uma vez me permiti designar todo o *training* [treinamento] cristão de penitência e salvação (que hoje é estudado da melhor maneira na Inglaterra) como uma *folie circulaire* [loucura circular] metodicamente produzida, claro que num solo já preparado para ela, ou seja, inteiramente mórbido. Ninguém é livre para tornar-se cristão: não se é “convertido” ao cristianismo — é preciso ser doente o bastante para isso... Nós, outros, que temos a coragem para a saúde e também para o desprezo, como poderíamos nós desprezar uma religião que ensina a desprezar o corpo! (NIETZSCHE, 2007, p. 61.)

Se o tipo Jesus se reconhece como o último de uma cadeia hereditária que sucumbia até o seu derradeiro fim, sem ressentimento e rancor, pela incapacidade de reprodução de seu último herdeiro, realizando, a própria vida, o trabalho de eliminar tais organismos; o cristão típico não aceita sua condição de doente e degenerado, fraco e impotente, usando do ressentimento para invejar os que de algum modo se apartaram do rebanho como espíritos livres. Enquanto o tipo Jesus transvalora todos os valores morais, o cristão afunda na lama fétida da moral negadora da vida.

Loucura e epilepsia, entram na cena como elementos oriundos do debate médico fisiológico do século XIX. Dostoiévski e Nietzsche articulando os conceitos como a brincar e confundir, zombar de uma determinada concepção geral de mundo, a muito tempo carcomida e decadente. O russo, inclusive, utilizando-se de sua própria experiência pessoal como epilético para articular o seu texto. Dostoiévski narrou o fenômeno na voz de algumas de suas personagens, e como algo de mágico emplacava como condição delirante do sujeito.

Entre outras coisas, pôs-se a meditar como em seu estado epilético, quase no limiar do próprio ataque (se é que o próprio ataque aconteceu na realidade), chegara a um grau em que subitamente, em meio a tristeza, à escuridão da alma, à pressão, seu cérebro pareceu inflamar-se por instantes e todas as suas forças vitais retesaram-se ao mesmo tempo com um ímpeto incomum. A sensação de vida, de autoconsciência quase decuplicou nesses instantes que tiveram a duração de um relâmpago. A mente, o coração foram iluminados por uma luz extraordinária; todas as inquietações, todas as suas dúvidas, todas as aflições pareceram apaziguadas de uma vez, redundaram em alguma paz superior, plena de uma alegria serena, harmoniosa, e de esperança, plena de razão e causa definitiva. Mas esses momentos, esses lampejos ainda eram apenas um pressentimento daquele segundo definitivo (nunca mais que um segundo) após o qual começava o grande ataque. (...) Refletindo mais tarde sobre esse instante, já em estado sadio, ele dizia frequentemente de si para si: que todos esses raios e relâmpagos da suprema autossensação e autoconsciência e, portanto, da “suprema existência” não passam de uma doença, de perturbação do estado normal e, sendo assim, nada tem de suprema existência, devendo, ao contrário, ser incluídos na mais baixa existência. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 263.)

Ora, não são grandes os movimentos corporais e suspiros por parte do interlocutor quando se confessa que se descobriu pela última ida ao médico que se tem uma úlcera gastrointestinal e que, portanto, alguns procedimentos curativos terão de ser realizados. Entretanto, algo de indecoroso e descortês arrebeta-se como comportamento quando muitas vezes o falante declara ao ouvinte ser

psicótico: diagnosticado com uma esquizofrenia paranoide. E não vale o argumento de que o louco é violento, que suas crises colocam em risco a integridade física dos sujeitos da sociedade, pois em qualquer das enfermidades se é possível cuidar e mudar o quadro do paciente; e, destarte, é válida a provocação, um paciente não tratado com diagnóstico de úlcera gastrointestinal pode ser um risco iminente para a sociedade porque as fortes dores que sente talvez o conduzam a um ataque de fúria solapando vítimas inocentes. Porém, ele nunca foi um risco, afinal uma úlcera nunca esteve vinculada a ideia de pecado e culpa. No caso do idiota ou dos ataques compulsivos de epilepsia, o espectador, além de todas essas interpretações asilares de uma suposta periculosidade, pode ainda soltar um risinho ou um exibir um desdém esnobe, rebaixando a humanidade do outro.

Ao responder ele declarava, entre outras, que realmente não vinha à Rússia há muito tempo, há quatro anos e uns quebrados, que havia sido enviado ao exterior para tratamento de saúde, por causa de uma estranha doença nervosa, coisa como epilepsia ou dança de São Vítor, uns tremores e umas convulsões. Ao ouvi-lo, o moreno riu várias vezes; riu particularmente quanto a pergunta “E então, o curaram?” – o louro respondeu “não, não curaram”. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 22.)

Ser o idiota tem a carga negativa do imbecil, do incapaz, do alienado. E quando a psiquiatria clássica classificou um transtorno de desenvolvimento atípico como retardo mental, isto é, um atraso, quando comparado aos outros, no desenvolvimento intelectual do sujeito, como se as pessoas fossem comparáveis, como se o desenvolvimento tivesse um caminho típico no qual toda atipicidade seria anormal; ou como idiota porque o tamanho do corpo não corresponde à cognição fisiopsicológica, a psiquiatria lançou mão de bons apontamentos e hipóteses, ela se pretendeu ciência, mas continuou normalizadora e normatizadora, corroborando para preconceitos, ajudando na formação do rebanho.

Portanto, Míchkin enquanto essa existência única não tem seus atributos especiais qualificados como potentes, poderosos, magnânimos. Ao contrário, porque se difere, por causa de um quadro nosológico, perde toda a vida, pois é reduzido a isto ou aquilo como conferido no manual de medicina.

Por essas provas, e mais uma vez como confirma a sua mãe, verifica-se que ele (Pavlishov) gostou do senhor principalmente porque na infância o senhor tinha o aspecto de gago, de aleijado, de criança triste, infeliz (...).

(DOSTOIÉVSKI, 2002 p. 321.)

Não poderia ser uma criança de um outro modo, uma pessoa com suas singularidades, nas quais deveriam ser respeitadas como condição própria de sua humanidade. Não! Tudo, toda a complexidade daquele humano, sempre uma impossibilidade compreensiva para o outro, foi reduzida a alguns epítetos negadores da vida: um doente. “– Bem, é bom e parvo; e se queres saber a minha opinião, é mais parvo. Tu mesma esta vendo que homem é ele, um homem doente!”(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 619.) Louco, a pessoa perde toda a vida.

Interessante como Dostoiévski consegue trazer esses arranjos para a trama. Nenhuma destas agressões ao doente mental foram inventadas pelo romancista, elas circulam no meio acadêmico, na sociedade culta e leiga, entre os trabalhadores, o que o escritor fez foi formular uma trama na qual gerasse contexto para descrever esses fenômenos. Há um desmerecimento do cuidado a ser praticado ao louco, como se ele, completamente, tolhido de toda forma de humanidade, perdesse o direito ao cuidado e ao profissional de cuidado.

Precisamos reconhecer que, apesar de tudo, foi bafejado pela sorte, de tal forma que ele, já sem falar da sua interessante doença, e da qual estava se tratando na Suíça (veja se pode alguém se tratar de idiotice, o senhor imagina isso?!), poderia ter demonstrado sua fidelidade ao provérbio russo: a sorte chega para certa categoria de gente! (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 301.)

A sociedade exige que o doente se reporte ao passado, lembrando daquela fase em que a consciência não se constituía plena, e que agora já se encontraria melhor. Porque se quer estigmatizar o louco com a coroa de espinhos de sua incurabilidade. Ora, melhor a metáfora da coroa de espinhos que a do possesso, diga-se! Todavia, há um bastião que o tempo todo é sustido para condenar o príncipe a uma inferioridade indigna de qualquer valor. “(...) eu realmente estive tão doente naquela época que parecia mesmo um idiota; mas que idiota sou agora, quando eu mesmo compreendo que me consideram um idiota?”(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 100.) A consciência, o ter a perspectiva de que se está no mundo com suas regras e seus valores, como uma certeza neuronal, agora retornam ao príncipe, mas ele precisa elevar a consciência a uma altura que consiga (des)culpá-lo pelo pecado da idiotia, da alienação. No fim das contas, não importa mais nada, o príncipe é o idiota.

(...) foi dito ao senhor, na cara, diante de todas as suas testemunhas, que o senhor é um homem de inteligência grosseira e pouco desenvolvido; que não ousa e nem tem direito àquilo que se chama um homem de honra e consciência, que o senhor esta querendo comprar esse direito barato demais. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 309.)

Este é o ambiente apodrecido em que encontra-se o príncipe. Mesmo que Míchkin não portasse as suas especificidades características (esquecido, privado, não reativo, apolítico e pueril) e fosse um sujeito com valores um pouco mais “elevados”, destoaria gravemente deste ambiente declinante. Entretanto, o príncipe por sua constituição de homem privado será tido como uma figura extremamente bizarra e extravagante por esta nobreza.

O tipo Jesus de Nietzsche é desprovido de vontade de poder e esta condição se faz perceptível pela análise psicofisiológica. Outros métodos mostraram-se ineficazes ou insuficientes. Sua realidade esgotada o afasta de toda forma de conflito e combate, sendo uma existência de puro amor.

O reino de Deus encontrado por Jesus é um estado do coração porque esse tipo só pode lograr alcançar um estado de beatitude em sua própria intimidade, porque ele é *incapaz* de resistir, sua vontade de poder alquebrada não poderia se efetivar por meio do combate, da luta, da resistência, do domínio (nem mesmo pelo domínio de si), da superação, mas somente por meio do *amor*. (SENA, 2012, p. 411.)

Portanto, Jesus, sem qualquer *quantum* de energia, não reage e assume sua vida sem nenhum ressentimento, não consegue ressentir, não há forças. Sem força alguma Jesus ama, ama porque no seu processo degenerescente encapsulou-se e não tem forças para combater o externo, ama porque é tomado por uma força, que não é dele, mas acredita ser motor que ainda move a vida. A força que o conduz na sua impotência absoluta vem do Pai. E porque sua idiotia o colocou em contato direto com Deus e por Ele toda força conduz a uma prática de amor, que ele pode ser filho. “(...) com a palavra ‘filho’ se expressa a *entrada* no sentimento geral de transfiguração de todas as coisas (a beatitude), com a palavra ‘pai’, *este sentimento mesmo*, o sentimento de eternidade, de perfeição.” (NIETZSCHE, 2007, p. 40) A condição do filho levado pelo Pai transforma o espírito livre num Espírito Santo. Mas o filho idiota em comunhão com o Pai santificado em sua beatitude de amor, não é mais filho, mas o próprio Pai: Deus e Santo.

Considerações Finais

Não deixaria de salientar que uma aposta tão ousada como esta não nos conduziria a uma interpretação mística, por demais florida, cheia de contornos, bastante colorida (Nietzsche gostava de contornos e flores coloridas no seu jardim aforístico!)! Porém, como pretendemos uma análise que tenha alguma consistência teórica e seja acolhida pela academia, preferiremos seguir não pelo caminho da poesia, apenas (a poesia não pode ser negligenciada enquanto saber como pretendem alguns por aí). Neste sentido, caminhar junto, ombro a ombro, com Bittencourt e Sena, é formular uma interpretação que enriqueça o texto com vida, sem irmos por veredas muito pessoalistas, como poetas que gostaríamos de ser; e sem substancializarmos demais nossa hermenêutica quando apostamos na tese médico fisiológica, como transcendentalistas que fomos educados a ser. “Porém, ao menos se pode visar o estabelecimento de uma interpretação forte, que promova a potência da vida, e que permita a ampliação do campo de interpretações do objeto de estudo.”(BITTENCOURT, 2013, p. 90.) Pensar é uma meio de justificação e fortalecimento da vida.

Por isso, o cristianismo institucionalizado é uma religião de sentimentos reativos, dos fracos, dos que se comparam. Jesus é força ativa, uma singularidade que se afirma, que estabelece um *pathos* da distância, pois por constituir-se privadamente, não reage, “dá a outra face pra bater”.⁴ O Jesus de Nazaré não é útil aos interesses políticos sacerdotais. O amor enquanto experiência interna, o reino de Deus como um paraíso de amor, sem a necessidade de intermediários, sem recursos financeiros para adentrar na adega dessa elevação espiritual terrestre, o reino dos céus no coração de cada um, todos os dias, sem punição e inferno, “O ‘reino do céu’ é um estado do coração – não algo que virá ‘acima da terra’ ou ‘após a morte’.”(NIETZSCHE, 2007, p. 41)⁵: tudo tinha que ser modificado de modo a atingir os objetivos parasitários dos eclesiásticos.

O tipo Jesus como desprovido de vontade de poder anarquiza as categorias morais gerando confusão no leitor educado no chicote da culpa. A posição do idiota de Jesus é transvalorada porque aniquilou todas as verdades, todos os abismos. Sua beatitude como condição da idiotia, ao mesmo tempo, que exalta, rebaixa, o idiota

⁴ Mt 5,39

⁵ AC 34

que é baixo se torna alto, Jesus que é alto se abaixa, Deus que é todo poderoso, a magnânima altura, rasteja junto ao completamente sem poder. Tudo que era certo reduziu-se a interpretação, mas a interpretação nem um pouco certa, quis os conceitos das concepções transcendentalistas. É como um incessante *looping*, o eterno retorno, em que as separações arbitrárias cessaram, e tudo conectado a tudo, numa grande rede significante, acata todas as dimensões do possível, as nega, as reavalia, as retransmite, as esquece, inventa outras, tudo como profícuo estatuto de uma vontade de poder.

Regressarei com este sol, com esta terra, com esta águia, com esta serpente, não numa vida nova, numa vida melhor, nem numa vida análoga, tornarei eternamente para esta mesma vida, igual em suas grandezas e suas misérias, para ensinar outra vez o Eterno Retorno das coisas, para anunciar mais uma vez o Grande Meio-dia da terra e dos homens, para anunciar mais uma vez o Além homem. (NIETZSCHE, 2011, p. 259.)

Superado os dualismos ingênuos. A hipótese médica como instrumento para aguçar os anseios do intuitivo, e um Jesus sem vontade de poder: colocada uma posição materialista diagnosticada pela psiquiatria, a idiotia, e o idiota como uma invenção russa. Aqui, se perderam todos os alicerces, pois o idiota de Jesus performa uma vontade de poder sem um conteúdo moral específico. Talvez, o tipo Jesus quando tomado pelo Pai assuma uma outra vontade de poder capaz incorporar novos valores, sem indicar valores em absoluto. Ou seja, sua existência performática, faz surgir uma vida transvalorada na medida em que assume o reino dos céus neste mundo, que não julga ou condena, que, apenas, ama. Idiota e sábio, Santo e louco, Pai e filho, espírito livre e Espírito Santo, poder sem poder, interpretação e conceito, medicina e literatura, peso e leveza, todas essas categorias assumem sua condição em Jesus, sempre numa transitoriedade, servindo aos anseios da vida, isto é, o tipo Jesus em sua mutabilidade frequenta os diversos modos de ser para mostrar, expor, exaltar a vida, sem procrastinação ou justificações. O seu sentido da vida é sem conteúdo porque é uma existência pronta, plenificada, pois reconhece sua condição decadente e vive sem maiores subterfúgios, de forma natural, com jovialidade e alegria.

O idiota de Jesus não é nem uma criação literária, nem médica, talvez, médico literária, mas suspeito que ainda seja pouco. O idiota de Jesus é o paradoxo

de uma vida, sem vida, a nulidade de vida que unido a toda vida(Deus), afirma todas as vidas pelo exercício prático do amor. Isto não é nem blasfêmia, nem proselitismo cristão, isto é uma filosofia para *além de bem e mal*.

Referências

BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia e Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120.

BITTENCOURT, Renato Nunes. *A tipologia do ressentimento em Doitóiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011.

BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010.

BITTENCOURT, Renato Nunes. *Espinosa, Nietzsche e a denúncia da moral teológica como distorção axiológica das disposições afirmativas da autêntica práxis crística*. Trilhas Filosóficas, v. 3, n. 1, 2010.

BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e sua compreensão extra-moral da experiência originária da beatitude evangélica de Jesus*. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 34, p. 447-468, 2011.

BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a Psicologia do Redentor*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 7, n. 14, p. 57-71, 2011.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Editora Companhia das Letras, 2007.

SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012.

SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010.

*Recebido em: 19/10/2022.
Aprovado em: 14/07/2023.
Publicado em: 26/08/2023.*